

Diversão & Arte

Entre dois humores

Mudanças demoradas, ou mesmo abruptas, se instalam entre os protagonistas dos filmes em cartaz a partir de hoje: a animação *Os caras malvados* e o dramático *Drive my car*, indicado ao Oscar



Os caras malvados: uma transformação radical promete afetar cinco protagonistas da animação

» RICARDO DAEHN

O enredo de *Os caras malvados* começa com uma cidade em polvorosa, por causa da queda de um meteorito na Terra. Não demora, e uma turma que segue um ditado controverso (“Seja mau, ou tchau tchau”) entra em cena para impulsionar o entretenimento da animação criada pela DreamWorks. Chegam tirando onda de óculos escuros e recorrendo ao expediente que embala a fama de todos: promovem assaltos e, sem nada de popularidade, tocam o terror, no pacato lugarejo em que agem destemidamente. Num apresentação sumária, trata-se de um quinteto: Sr. Lobo é o tipo galã e algo fanfarrão; e Redinha é a tarântula

versada em alta tecnologia e turbina na velocidade (com o recurso das múltiplas patas, ao teclado); enquanto Tubarão tem exímia performance na habilidade com disfarces. Completam o time, o monstruoso Sr. Piranha e o altivo senhor Cobra, desesperado em aplacar a eterna fome com multidões de porquinhos da índia.

Com o humor muito alterado, frente ao aniversário, Cobra se afunda na arrogância, a ponto de detonar os amigos e comparsas: “você são quem eu menos odeio no mundo”. É o jeito dele de demonstrar a consideração pelos colegas que se esparramam entre gags visuais e crises de vazio emocional. O ponto em comum é que os malvados solidificam e sabem valorizar a amizade. O problema é que, de modo indiscriminado, todos

irradiam medo, por onde passam. No filme comandado pelo estreante Pierre Perifel (do departamento de animação de *Kung Fu Panda*), e que se baseia em livros de Aaron Blabey, uma chefe de polícia fará toda a diferença, ao reordenar a vida dos contraventores.

Ícone de amor e de perdão, e promotora de uma nova chance para o quinteto de criminosos, a celebridade do ano — o porquinho da índia batizado de Professor Marmelada — espera que “flores desabrochem” na vida dos larápios que veem a importante estatueta Golfinho Dourado como objeto de primeira necessidade, ao arquitetarem um roubo para entrar na história. Num salão de festas, durante a solenidade reservada ao “bom samaritano” Marmelada (equiparado

à Madre Teresa de Calcutá), o roteiro cresce, assinado por Etan Cohen (*Madagascar 2: A grande escapada* e de comédias com Ben Stiller e Will Ferrell). A entrada em cena de Diane Rapousino, uma raposa eleita governadora, fará toda a diferença. Enquanto se prepara para enorme golpe, a turma vive um clima à la *Missão Impossível*, sem as certezas da impunidade. Uma dose de redenção despontará, justo no Lobo — o de este-reótipo mais assustador —, quando ele enxerga um iminente acidente que envolve uma vovó prestes a despenhar das escadarias. É a senha para uma troca de personalidade de Lobo.

Uma guinada de lema (“Ser legal é muito bom, e quando você é legal, você é amado”) se configura, quando o Lobo,

em raro momento, sente a felicidade de ser chamado de “rapaz legal”. Com a cauda abanando, pode estar prestes a deixar o crime. Quem se entusiasma em repassar os ensinamentos positivos é Marmelada, que se arvora em criar um retiro voltado à prática do bem. Ações singelas trazem o friozinho na barriga, a partir das bondades: compartilhar comida, salvar um gatinho e auxiliar uma senhora na travessia de uma faixa de pedestres.

Para quem curte mais ação e uma carga forte de aventura, a trama dos malfeitores traz situações de controle da mente, abraça uma misteriosa personagem acrobata chamada de Pata Escarlata (que é infiltrada na ala dos vilões), e ainda brinca com artifícios do calibre de Batman, por incorporar grande número de bugigangas.

CRÍTICA / DRIVE MY CAR ★★ ★

Mubi/Divulgação



O premiado *Drive my car* traz referências de teatro e cinema

Oração ao tempo

Ressignificar: é com esta tão surrada expressão da atualidade que o diretor de *Drive my car*, Ryusuke Hamaguchi, tece toda a trama que rendeu a ele não apenas o prêmio de roteiro no Festival de Cannes, mas ainda quatro indicações ao Oscar. Em evidência nos cinemas, e na lista do Oscar (concorrente a melhor

filme, melhor filme internacional, melhor diretor e melhor roteiro adaptado, na parceria entre Hamaguchi e Takamasa Oe), *Drive my car*, uma produção japonesa, chegará à plataforma Mubi, a partir de 1º de abril.

Conceitos de que a arte recupera e revigora impulsionam o filme que em muito se ampara numa obra do celebrado russo Anton Tchekhov. Numa desgastante (mas positiva) jornada para o protagonista, o ator e diretor de teatro Y. Kafuku (Hide-toshi Nishijima) parece reassumir

a persona de *Tio Vânia*, a obra de Tchekhov que ele encenou nos palcos (e que, novamente, atravessa a vida dele). Casado com Oto (Reika Kirishima), Kafuku viverá muitas dores, para além do adultério.

Destacado para um evento em Hiroshima, o diretor viverá o dilema de “a arte imitar a vida”, numa tangência de mundos que ele mesmo trata de estimular. Ao lado da jovem motorista profissional Misaki (Toko Miura), o artista verá, de certo modo, a vida pelo retrovisor.

Tal qual *Tio Vânia*, Kafuku se renovará, pela aproximação com um inexperiente colega de palco. Entre tantas camadas artísticas dispostas no filme, que versa sobre renovação de sentimentos e a expansão de experiências sensoriais, *Drive my car* ainda aceita um belo paralelo com o excepcional clássico de Alain Resnais *Hiroshima, mon amour* (1959), estrelado por Emmanuelle Riva e que tratava da reconstituição de tempos e amores. (RD)

Castigo reavaliado

Repleto de piadas infames, o manual embalado como comédia em longa-metragem *Como se tornar o pior aluno da escola* levou a produção a se tornar caso de secretaria. A obra encabeçada por Danilo Gentili e Fabrício Bittar, e que traz Fábio Porchat em cenas controversas, foi parar na Secretaria Nacional de Justiça (a Senajus, integrada ao Ministério da Justiça e Segurança Pública). Depois de barulho em torno de censura (por parte do governo), uma definição publicada no *Diário Oficial da União*

(e assinada por José Vicente Santini) elevou em quatro anos a classificação indicativa. Passou de 14 anos para 18.

“Conteúdo com tendências de coação sexual ou estupro” está entre as expressões associadas ao filme estrelado por Carlos Villagrán e Bruno Munhoz e que sofreu reajuste na classificação etária. A decisão publicada no *Diário Oficial* também cita “ato de pedofilia” e “situação sexual complexa”, na revisão da faixa etária do filme disponibilizado por plataformas de streaming como Netflix, Apple, GloboPlay, Telecine, YouTube e Amazon.

Com trama de desacato de regras instituídas por uma escola, os alunos Bernardo e Pedro tocam o terror e

investem no que seja caótico, durante a duração da fita. Assédio, consumação sexual e prática de favores sexuais foram elementos causadores de desacordo (na visão de alguns espectadores) do Estúdio da Criança e do Adolescente. Daí, afora o cenário da exibição do filme (de 2017) no streaming, o longa só poderá ser exibido (na tevê aberta), após as 23 horas. Cinco dias é o prazo de cumprimento das medidas determinadas pelo Ministério da Justiça. Remover o título das plataformas ainda é algo que possa ser descartado, uma vez que a Senacon (Secretaria Nacional do Consumidor) instaurou processo administrativo cautelar, com vistas à suspensão da veiculação da obra.

Chegadas e saídas

A apresentadora e ex-BBB Sabrina Sato anunciou demissão da Record, após oito anos. Ela assina contrato com a Globo, onde assumirá o reality *Desapegue se for capaz*, um programa semanal em que ela vai a casas de pessoas e as ajuda reorganizar as residências com auxílio da personal organizer Micaela Góes e da arquiteta Gabriela de Matos. O foco é fazer

as pessoas se desapegarem de coisas que não têm mais utilidade.

Sato também assume uma cadeira no programa *Saia justa*, assim como as atrizes e apresentadoras Larissa Luz e Luana Xavier. Em compensação Gaby Amarantos, Pitty e Mônica Martelli saem da atração. Astrid Fontenelle permanece no sofá do importante programa da televisão a cabo brasileira.



Sabrina Sato: dança de cadeiras